

OPIACIDADE*

Alain Dufour**

RESUMO

Nas toxicomanias a desmedida não seria tanto o efeito de uma superestimação quanto a consequência de um hiato cujo preenchimento é vivenciado como urgente e impossível. Impossível porque tornado inoperante pela falta de adequação entre o objeto e o que ele supostamente preenche, que não são reconhecidos como registros distintos (um objeto real para preencher a falha simbólica de um corpo imaginário).

PALAVRAS-CHAVE: toxicomanias, adição, objeto.

OPIACITÉ ABSTRACT

In drug addiction excess is less an effect of super estimation than it is a consequence of a gap which is felt as urgent and impossible to fill in. Impossible to fill in for it having been made inoperative due to the inadequacy between the object and the gap that it is supposed to fulfill because they are not recognized as belonging to different registers (a real object to fill in a symbolic gap in an imaginary body).

KEYWORDS: drug addiction, addiction, object.

* *Opiacité*: trata-se de um neologismo formado a partir de três vocábulos em francês: *opiacé* (opíáceo, enquanto metonímia de toxicomania), *opacité* (opacidade) e *cité* (cidade, entendida como comunidade). Com esse termo o autor pretende indicar o caráter opaco, obscuro e impenetrável das discussões acerca das toxicomanias na esfera da comunidade (Nota de trad.). Este texto foi extraído do site da Association Lacanienne Internationale. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS).

**Psicanalista/Fr. Membro da Association Lacanienne Internationale. E-mail: ajp.dufour@laposte.net

As boas notícias são raras demais para que passem em branco. Muitas pessoas – de fora, é claro, não entre nós... – interrogam-se sobre o que é o objeto *a*, com o que ele se parece, como conseguir um.

Essa inquietação bastante legítima está em vias de conhecer sua resolução definitiva. De fato, os fantásticos avanços da ciência permitiram a realização de um progresso decisivo que vai tranquilizar a todos nós: finalmente se conseguiu sintetizar o objeto *a*!

Um novo e salutar método surgiu para assistir as pessoas que desejam parar de fumar. Trata-se de uma pastilha, uma rodela, um selo, uma ventosa, que se cola sobre a epiderme e que libera nicotina progressivamente.

Retomando uma fórmula de C. Melman, “a toxicomania é a conjunção libidinal ao objeto”¹, e temos nesse procedimento uma legalização higiênica e sobretudo moral que deveria satisfazer a todos...

Isso não deve ser absolutamente tomado como uma metáfora. Esse tipo de progresso realiza perfeitamente o ideal do toxicômano: ou seja, o amor perfeito pela prótese.

Só falta elaborar um destilado percutâneo de opiáceo sintético e o negócio está garantido (por assim dizer). Entretanto, há um detalhe: os toxicômanos têm horror à continuidade e esse procedimento perigaria privá-los do que é essencial na adição: o ritmo, a quebra, a escansão.

Aliás, há sete ou oito anos corre um rumor – que tem fundamento – que diz que nossos querubins estariam ameaçados por selos de LSD. Os propagadores da inquietude só se enganaram de produto e de fabricante, mas, no essencial, tinham razão. Em suas fantasias, eles eram os precursores dos avanços da técnica.

A clínica dos toxicômanos resiste à concepção, à teoria. Sem dúvida, era por isso que, em 1982, C. Melman observava que ainda estava para ser escrita uma clínica do alcoolismo e da toxicomania².

Na Associação Freudiana, alguns de nós se dedicam a isso e confrontamos nossas leituras da clínica assim como nossas hipóteses sobre essa manifestação tão humana, ou seja, o desejo de ser subjugado, nem que seja pelo objeto mais inerte (um carro, uma conta no banco, um pedaço de pau, uma ninharia qualquer, etc.) e sensível demais às questões políticas e culturais que subentendem as modalidades de sua abordagem.

¹ La fin de la cure et la question de la perversion, in *Clinique psychanalytique et lien social*, Bulletin de l'Association Freudienne de Belgique.

² La fin de la cure et la question de la perversion, in *Clinique psychanalytique et lien social*, Bulletin de l'Association Freudienne de Belgique.

Uma das questões levantadas pelas toxicomanias é se elas caracterizam uma modalidade dentre outras do gozo comum (fálico), ou se são exemplares da promoção de um gozo Outro.

Thomas De Quincey, que, conforme demonstra nosso colega P. Petit³, fundou, inventou a toxicomania propriamente falando, promete nos dizer que efeitos tão temidos quanto almejados o ópio tem sobre ele.

Vamos finalmente saber de que se trata, chegamos ao ponto. Infelizmente, as promessas se sucedem sem que fiquemos sabendo de nada. A exemplo do gozo feminino, sempre se fala disso, mas nada é jamais dito.

Seu poder revela-se inteiramente dependente do humor e da situação do autor. O surpreendente é que, apesar de toda sua perpetuidade e determinação, ele não se dá conta disso nem por um instante.

Ele mantém, apesar dessa evidência, a independência das propriedades da droga. Igualmente no que diz tange aos tormentos da abstinência. O relato minucioso ou a contabilidade à qual se dedica nos mostram muitas modificações incessantes, mas ele conclui, ao contrário, por uma entificação (a famosa Deusa Negra) do produto. Observemos que essa crença é a posição mais difundida hoje em dia: não somente a dos chamados toxicômanos.

Talvez não seja indicado responder de um modo exclusivo a semelhantes questões.

Talvez seja melhor delimitar o que convém chamar de “toxicomania”, ou então considerar como esses modos opostos contraditórios de exploração do corpo e de desdobramento da vida pessoal podem se unir. Diferentemente, por exemplo, da maneira como se realiza numa mulher ou então nas afecções psicossomáticas ou fobia.

É verdade que a extensão das adições nos interessa. (Deve-se, sem dúvida, distinguir as adições das toxicomanias, que não realizam senão uma figura muito particular e muito mais rara de adição).

Diante dela, devemos optar pela indiferença, pela militância, pelo intervencionismo, como ilustra uma associação, um movimento cheio de boas intenções, aquelas que povoam o inferno contemporâneo? Essa união de generosidades incontestáveis se intitulou “Limitar os estragos”⁴ e seu programa consistiria em “reduzir os riscos”.

³ L'évènement De Quincey, *Discours psychanalytique*, n°10, septembre 1993.

⁴ Em francês, o nome dessa associação é “Limiter la casse”; esta última palavra pode significar, entre outros, *estrago, tabuleiro de tipografia, sucata*. (N. de trad.)

Esse título sedutor ignora, sem dúvida, que a palavra francesa *casse* designa, em tipografia, o tabuleiro que contém os caracteres. Isso me leva a ler esse convite como uma injunção a um auto-de-fé universal.

O surpreendente nesse tipo de proposta é que não se leva absolutamente em conta a opinião dos interessados. Busca-se sua felicidade ou sua saúde, independentemente deles.

Alguns se revoltam: por exemplo, um paciente, que vivia com uma mulher soropositiva, dizia-me acerca das precauções: “*O senhor sabe, pra mim, fazer amor plastificado não é meu negócio...*”.

Não se trata de encorajar a despreocupação – como logo se é acusado quando se mostra a menor reserva sobre a conduta humanitária –, mas de observar os efeitos, contrários àqueles que são desejados, provocados pela gentileza coercitiva. Gentileza que consiste, na essência, em não admitir a castração do outro.

A glória ocidental do *pharmakon* nos diz respeito ao menos enquanto cidadão. Mas também acredito que os profissionais, os psicanalistas devem fazer escolhas e expô-las diante da multiplicação dos debates e das ações mais irracionais, mais confusas, mais opacas que esse fenômeno induz.

Que desatino obscurece a cidade?

Que cegueira pode explicar a esterilidade das polêmicas a respeito das drogas e daqueles que estão sob seu jugo?

Extinção das consciências sob o efeito dos opiáceos.

Opacidade dos discursos, que revelação nos espera, perfila-se por detrás desse obscuro desejo?

Partir da clínica é uma fonte de embaraço, visto que a clínica é a desordem, a bagunça, o real.

Encontrar balizas fiáveis na profusão dos comportamentos e dos enunciados que os toxicômanos, ou aqueles bem mais numerosos que se julgam como tais, deixam à nossa apreciação não é pouca coisa.

Sem insistir muito nisso, observemos que, ao caráter fixo das demandas endereçadas pelas pessoas que se declaram toxicômanos, corresponde uma variabilidade extrema nos efeitos evocados ou buscados por eles.

Parece que cada um encontra ali o que lá colocou. O tímido, a audácia; o conversador, o excitado, a serenidade; o ansioso, a paz buscada; o ejaculador precoce, alguma retenção; o insone, o sono; o inibido, o poder de agir, etc.

Qualquer que seja nossa prática, as particularidades de nossa experiência, é um problema ético inevitável responder à demanda endereçada por um toxicômano. Razão pela qual Lacan podia perguntar em 1966: “...do ponto de vista do gozo, o que é que um uso ordenado daquilo que se chama

mais ou menos propriamente de tóxicos pode ter de repreensível...?”⁵

Para precisar essa dificuldade, C. Melman, por sua vez, expressava-se assim: “... será que, enquanto analistas, cabe a nós decidirmos do gozo de quem quer que seja? Quer dizer, será que temos de tomar partido sobre essas modalidades para remediar a falta de relação sexual?”⁶

Vemos que se trata de um problema moral muito agudo e muito delicado, em todo caso, mais exagerado hoje em dia pelo consenso social (pode-se até mesmo falar desse consenso na escala de uma civilização) que nos envolve, nos força a ver nas toxicomanias uma desordem ameaçadora.

Mas em nome de quê convidaríamos um sujeito a vir de preferência encontrar seus camaradinhos no grande pátio do gozo comum?

Em nome de quê ou de quem se interviria, com que objetivo, em nome de que ética, de que princípios?

O problema também é técnico, pois, admitindo que se tenha encontrado uma resposta satisfatória ou que se tenha decidido abdicar dela e que se tenha tido a certeza que este era exatamente seu anseio, como se vai permitir isso a ele? A meu ver, há um ponto de desacordo que, embora não seja essencial, provoca reações freqüentemente muito vivas.

Quando um toxicômano me coloca a par de uma adição severa, pergunto-lhe se deseja fazer um procedimento prévio ou simultâneo em uma instituição. Se isso não lhe convém, esclareço então que ele deverá levar em conta, ao se comprometer em uma análise, os efeitos perniciosos de seu consumo: falar sob o efeito de um opiáceo é fácil, e é muito confortável, muitas vezes apaixonante, ouvir alguém que se encontra em um estado de desinibição tão completo quanto aquele provocado por seu entorpecente favorito. Dito isso, devem-se avaliar as conseqüências dessa facilidade cujo correspondente, e isso é certo, é a inanidade mais total no que concerne aos efeitos a aguardar ou esperar do tratamento.

⁵ J. Lacan (in *La science et la vérité*) citado por Jean-Louis Chassaing – “Addictions – contradictions” in *Le Discours Psychanalytique*, n° 9, février 1993, *Le symptôme social*.

⁶ “Isso significaria vir testemunhar da melhor maneira uma tomada de consciência. Por outro lado, seria estimar que saberíamos qual é o bom gozo; isto é, nós nos transformaríamos de uma só vez em sábios e em confessores. Evidentemente, temos de responder àqueles que nos pedem um alívio. Fica bem evidente que, nesses casos, temos de fazer, ouvir que o pior efetivamente é aquilo a que todos aspiramos, mas que talvez possamos tomar dispositivos (?) a respeito disso que façam com que, sem no entanto nos obrigar à neurose, tenhamos de repensar nossa relação com esse pai e nos resignarmos diferentemente talvez com o que tange à nossa existência e nossa relação com o mundo...”. C. Melman, *Le triomphe de la jouissance féminine*, in *Clinique psychanalytique et lien social*, Bulletin de l’Association Freudienne de Belgique.

Quando preciso esclarecer essa particularidade a colegas, fico pouco à vontade. É verdade que a leitura de um artigo de C. Melman, *Le triomphe de la jouissance féminine*, tranqüilizou-me um pouco. De fato, o que quer que se diga sobre isso, se é verdade que, ao ocupar esse lugar singular, quase não se pode esperar ajuda para saber o que fazer ou o que dizer, fiquei ainda assim bem contente de encontrar apoios desse quilate.

Eis o que ele dizia: “Pois bem, é estranho que os analistas tenham esta repugnância de poder dizer simplesmente ao bêbado: não! Se efetivamente é preciso realizar o que você veio me pedir, será preciso parar. Ou, se este não é o caso, não vale a pena se enganar, esperar algum milagre. Sem ter tendência a se envolver em alguma cumplicidade.”

Faço parte, portanto, daqueles que não repugnam de dizer não. Seria por submissão a uma moral qualquer?

Fala-se de luta *contra* a toxicomania: trata-se de uma locução bastante curiosa. Está subentendido ou explicitado que ela é forçosamente um abuso ameaçador para a paz social. Não é o que ocorre mais habitualmente, longe disso. Luta contra o abuso, contra o exagero que poderia ameaçar a ordem pública e os bens privados devido a uma conduta excessiva, isso é concebível. É o caso da embriaguez alcoólica pública, aliás, prevista em legislação e reprimida. Trata-se, então, de não ultrapassar os limites que a civilidade nos impõe em tempos de paz a fim de que nos não matem entre nós. Porém, a luta contra as manias, isso é muito surpreendente. Deve-se lutar contra a filatelia, contra a dependência dos *bottons*, dos carrinhos, dos soldadinhos de chumbo...? Contra todos os colecionadores invasores?

A verdade é que adotar e adaptar essa maneira de agir, isto é, intrometer-se no gozo do próximo (ainda que ele o convide a isso) é totalmente incômodo e, além disso, desconfortável, desagradável no plano intelectual.

Alguns, conseqüentemente, apaixonados por desintoxicação, felicitam-no e seus louvores são sobretudo embaraçosos. Outros denunciam a traição dos dogmas da deontologia, a violação moral, a intervenção arbitrária, a crueldade... Não é fácil ser ouvido nessas condições. Ademais, nada permite ter certeza de que o tratamento não poderia começar e, depois, desenrolar-se da melhor maneira sem essa advertência.

Ajo deste modo porque penso que, na maioria das vezes, uma embriedade, uma elação ou uma sedação contínuas imobilizam completamente o sujeito em uma organização que não tem, *em geral*, nenhuma chance de se desfazer de maneira espontânea e não deixa nenhum lugar à apropriação do trabalho efetuado. Porque se realiza efetivamente um trabalho, mas ele se dissolve ao longo das sessões. O gracejo “o alcoolismo é um problema que se dissolve no álcool” tem seu correspondente. No que tange à toxicomania,

poder-se-ia dizer que ela se pulveriza no pó. Digo “em geral”, pois, é claro, muitos toxicômanos reclamam um estatuto de exceção: aliás, parece-me uma reivindicação tranqüilizadora, de bom augúrio, quando assim ocorre: “Você tem toda razão, com os outros é assim, mas comigo é diferente.”

Isto é algo que se aprende trabalhando com toxicômanos: administrar a abstinência sem fazer disso um ideal.

Essa posição não é nem trivial nem cômoda, pois obriga a intervir, o que é eminentemente arriscado: para si próprio, para o outro, para o que se visa ao recebê-lo. O fato de apresentar as coisas assim pode levar a crer que os toxicômanos constituiriam um conjunto bem delimitado. Não é nada disso e, se menciono essa particularidade, é pensando naqueles que um psicanalista tem alguma chance, por assim dizer, de encontrar, até mesmo de manter. Estes não passam, em minha opinião, de uma minoria entre todos aqueles que se julgam toxicômanos ou que são designados como tal.

Essas dificuldades indicam bem que saber que direção dar ao tratamento quando se recebe um toxicômano não é uma questão luxuosa...

Para dizer a verdade, se eu convidasse um paciente toxicômano a refletir sobre a questão “A direção do tratamento”, estou quase certo de que ele me responderia: “Para mim, é indiferente, à beira do mar ou na montanha, ou mesmo no campo, se você quiser... Eu quero sair dessa... Quero recomeçar do zero... mas quero partir imediatamente”.

Esta é, para ele, a direção certa. Por não conseguir calar o corpo, então vamos deslocá-lo... De fato, é exatamente ao que se reduz, no início de nossos encontros, o mais vivo de seu procedimento. Partir, dormir, sonhar talvez... Eis o que parece interessar a um toxicômano.

A originalidade das toxicomanias deve-se ao caráter ostentatório de sua recusa, à natureza daquilo sobre o qual incide a recusa, ou ao procedimento utilizado para mantê-lo?

SILHUETA

Seguindo o que M. Czermak nos ensinava há cerca de dez anos no Hospital Sainte-Anne, acho bom desconfiar das conclusões tiradas de uma “clínica impressionista”. Assim, a insuficiência deste trabalho não deveria proceder demais desse defeito, a menos que se entenda “impressionismo” como técnica do toque, do buril, da mancha, visto que o tempo que nos é atribuído não permitirá burilar o detalhe.

Detalhe de um motivo que a distância de um ouvinte ou de um leitor, se a arte do narrador não for defeituosa demais, deveria permitir apreender no relevo, nos contornos e nas sombras que ele cria.

O paciente de que vamos falar parece-me, ainda hoje, exemplar das questões levantadas pelas toxicomanias e das dificuldades que elas suscitam (tanto teóricas quanto clínicas). Examinar de maneira muito cursiva e condensada algumas facetas deste caso deverá permitir que se extraiam uma ou duas questões sobre a alma desse curioso desejo.

Era, sem dúvida, uma ilustração bastante probante do *Triomphe de la jouissance féminine* (comunicação de C. Melman citada cima), que – supõe-se – vai-se estender e proliferar.

Vimos, em *Le désir et ses interprétations*, como Hamlet aceita as opiniões mais diversas, mais contrárias sobre seu ser e as motivações de sua inação. Hamlet nos embaraça como a clínica.

Lacan lembra, entretanto, a fim de descartar qualquer insistência diagnóstica, que Hamlet não é um indivíduo real, mas um personagem. A peça, entretanto, tinha a propriedade notável de oferecer ao leitor de cada época o que ele queria, o que lhe convinha: “Hamlet desenvolve o entrelaçamento complicado de sua intriga e de seu discurso fragmentado de modo a dispor, como em seu centro, numa superfície refletora, mas vaga e apta a devolver a imagem do espectador, seja ele qual for: o espelho está disponível.”

Não poderíamos dizer o mesmo de certas formas clínicas contemporâneas?⁷

Podia-se ver, neste caso, um Hamlet moderno no que diz respeito à procrastinação, à dificuldade de especificar seu desejo e seu dever, de diferenciá-los, e também sua audácia paradoxal, assim como sua inútil e dolorosa lucidez.

Era alguém de uma *finesse* muito agradável. Tinha múltiplos talentos que havia, aliás, posto à prova, mas sem insistir demais (línguas vivas, música, matemática, etc.). Esse paciente apresentava uma situação biográfica, factual, muito rica e muito complexa que favorecia uma miríade de interpretações complementares ou contraditórias. Apresentava, como ocorre frequentemente hoje em dia, uma politoxicomania.

⁷ Penso que, quando atendemos um toxicômano, deveríamos, em larga medida, levar em conta este alerta profético feito por Lacan: “...a entrada em cena, por mais defeituosa que tenha sido, do discurso do analista bastou para que a histérica renunciasse à clínica luxuriante com a qual mobilizava a hiância da relação sexual. Isso talvez deva ser considerado como o sinal, “feito a alguém”, de que ela vai fazer melhor”. *Bulletin de l'Association Freudienne*, nº 54. Em matéria de “clínica luxuriante”, certas toxicomanias nada têm a provar... Como já pude exprimir em Bruxelas, creio que um número significativo dos casos com os quais lidamos renova, coloca ao gosto do dia esta afecção tão difundida e tão inapreensível. As toxicomanias, não todas, reanimam, realizam o renascimento da histeria. Sobretudo a histeria viril por enquanto, mas isso poderia mudar.

O que é menos corrente – porque, para isto, são necessários certos dons ou um engajamento que não é banal – é que ela era muito severa, pois o sujeito consumia alternadamente doses muito elevadas de heroína, cocaína e Temgesic⁸.

Fato singular, não dava prioridade à sua adição. No entanto, seu consumo significativo e oneroso, na medida em que se entregava muito pouco ao tráfico, valia-lhe todo tipo de problemas e não deixava de infltir sua existência e de lhe conferir um estilo muito marcado, o que ele expunha com indiferença.

Nisso, destacava-se nitidamente da maioria dos pacientes atendidos nos centros especializados, que justificam sua atitude, na maioria das vezes, como uma demanda de “tratamento de desintoxicação”.

O uso dos opiáceos, como acontece com freqüência, desviava-o das relações sexuais. Isso não significa que não tivesse nenhum relacionamento amoroso, bem ao contrário. Ele vivia também uma forma de conjugalidade, um tanto inabitual, é verdade, mas que ainda assim lhe causava algumas preocupações bem prosaicas.

Sua maior preocupação concernia à sua identidade em face de seus pais, de alguns de seus amigos e, sobretudo, de suas ligações amorosas.

Em sua anamnese, realizada em um tempo recorde, graças ao “soro da verdade” que ele próprio se injetava, abundavam relatos de situações mais ou menos escabrosas tanto com homens quanto com mulheres, cujos detalhes não desenvolveremos.

Ele não sabia mais que pontos de referência utilizar para pôr um pouco de ordem em sua vida. Uma existência desordenada em que as perversões e os perversos ocupavam um lugar completamente essencial.

Salientemos que o próprio sujeito se designava normalmente como uma vítima. Essa profusão de pequenas cenas perversas, lúbricas, era narrada no tom mais delicado.

Tratava-se, de fato, de uma pessoa talentosa para a escrita e para a fala, um narrador agradável. Pródigo em detalhes, permanecia no entanto pudico, elegante, indiferente; abstinha-se, sobretudo, de qualquer comentário, da menor hipótese explicativa. Manifestava uma tendência muito obsedante a se vivenciar e a se representar como uma criança, objeto do apetite dos parceiros, principalmente do sexo oposto, mas às vezes também do seu.

⁸ Medicamento à base de cloridrato de buprenorfina, indicado para dores pós-operatórias e neoplásicas (N. de trad.).

“O masoquista se coloca em sua fantasia como puro objeto cuja existência não é reconhecida como tal por aqueles que decidem seu futuro”⁹. Esse enunciado de Lacan convém maravilhosamente para descrever a essência de sua queixa.

Além disso, julgava-se o objeto de seu objeto em um movimento de submissão religiosa usual em inúmeros toxicômanos¹⁰.

É exatamente seu reputado estatuto de homem objeto que se revela central em sua demanda inicial. Objeto de um a certa categoria de mulheres que encontra (“Não encontro nada para lhes dizer, fico como um bobo diante delas”), ou objeto do objeto de sua paixão – a droga –, ele quer se emancipar.

Diante disso, ele fazia um protesto, uma reivindicação a vir se inscrever como ator de sua vida na cena pública. Porém, a esse movimento de revolta sucediam o abatimento e o enunciado de uma renúncia radical, de uma resignação irrevogável.

Algumas vezes, um entusiasmo súbito vinha à tona: sempre tinha relação com a realização de “golpes” grandiosos. Podiam ser montagens comerciais ou então um plano que lhe garantiria, por uma via mágica, uma súbita promoção intelectual, um sucesso garantido. Não eram as puras e simples veleidades de um fanfarrão sem talento. Seus empreendimentos davam certo, às vezes, mas se afastava deles então, incapaz de manter qualquer interesse.

Muitas de suas declarações, hesitações, alternadamente ingênuas, cândidas, ou, ao contrário, de uma extrema perspicácia, pareciam mostrar que não sabia o que devia ser um “bom” objeto de desejo. Isso parecia impedir-lo, ao mesmo tempo, de decidir uma renúncia íntima quanto à relação mórbida que instaurara com estes sucedâneos de pequenos outros, essas pequenos a, que se poderia preferir escrever, no âmbito das toxicomanias, “esses pequenos montes”¹¹.

⁹ *Le désir et ses interprétations*, lição de 24 de junho de 1959.

¹⁰ Thomas De Quincey indicava isso sem rodeios, já que denominava a fonte de seus prazeres e seus tormentos “A deusa Negra” (pelo menos, conforme a tradução confirmada por Leiris que devemos a Baudelaire. Cf. p. 158 a 163 “Les confessions d’un mangeur d’opium” [As confissões de um comedor de ópio], coleção Imaginaire-Gallimard).

¹¹ Aqui, o autor joga com a homofonia de *petits a* [pequenos a] e *petits tas* [pequenos montes]. (N. de trad.).

Ele freqüentava a alta e rica sociedade, de onde viera, a nata, mas também as espeluncas, os círculos noturnos do jogo clandestino ou não e, em uma certa medida, envolvia-se com o tráfico, mais por gosto do que por necessidade. Entregava-se ao pôquer com paixão e a outros jogos de azar em que a habilidade e a trapaça podiam infletir o acaso.

Não julgava menos perigosa essa segunda adição.

Ela tinha, entretanto, efeitos sobretudo compensadores. De fato, isso lhe permitia pagar as dívidas contraídas para seu consumo de drogas, já que, em geral, ele ganhava; também lhe garantia uma frágil independência em relação a seus pais. Além disso, em concorrência com os opiáceos ou a cocaína, isso o obrigava, se quisesse ganhar as partidas que disputava, a uma certa moderação.

Sua atividade de jogador podia ser qualificada de profissional, visto que era dela que tirava a maior parte de sua renda. Mas ele próprio não considerava seus ganhos e, portanto, esse lucro, no entanto bastante regular, como sendo de natureza a lhe permitir viver. Via nisso apenas um sintoma, denunciava uma febrilidade compulsiva a mais, menos devastadora, mas não menos alienante que o abuso de drogas.

Até um certo ponto, as partidas de cartas às quais se entregava mobilizavam uma atenção mais inquieta que sua, no entanto ruínosa, toxicomania.

Seu fascínio pelo jogo era, além disso, reforçado por um tipo de auto-erotismo mental que compartilhava com seu pai. (Observemos que seu pai o acoitava em um confronto de um tipo muito preciso: uma rivalidade que se desenvolvia em um enfrentamento pueril, no limite do pugilato).

“Tenho uma verdadeira paixão pelos números, por sua manipulação. Não conheço nada de mais delicioso do que passar horas imaginando combinações na loto (ele tinha acabado de ganhar uma grande soma quando me contou isso). Tenho uma memória inacreditável para números. Meu pai também se diverte em fazer cálculos... Completamente absurdos. São matemáticas de *loose*”, concluiu, com desgosto e desprezo, depois de me ter dado alguns exemplos. (Tratava-se de estimar grandezas como pesos de ferragens, o dos carros, por exemplo, das superfícies, dos tamanhos de população, dos volumes que aumentavam num determinado período de tempo). O jogo e as manipulações que ele comporta poderiam muito bem se revelar sucedâneos de procedimentos de simbolização falhos.

Entretanto, não se tratava de um exercício livre, não era um desfile desordenado, incontrolável e que, ao mesmo tempo, desse a ilusão de um controle dos pensamentos. Embora ele também me tenha revelado

um gosto semelhante pela degustação psíquica. Tratava-se de desempenhos¹².

Assim, certos traços tangiam a uma posição de uma toxicomania manifesta e confirmada, enquanto outros evocavam mais ora um histrionismo talentoso, ora uma neurose obsessiva...

Ele separava de maneira muito estrita seus ganhos e seus gastos. Havia o dinheiro da droga, o dinheiro do jogo, o dinheiro de seu salário, o dinheiro dos artigos que publicava, o dinheiro da análise; certas comunicações entre esses diferentes conjuntos eram possíveis, outras não.

Além disso, falava-me com um pesar forçado de preocupações obsedantes referentes aos trabalhos de construção que estavam sendo feitos em sua casa.

Apresentava, o que é sobretudo a regra entre os toxicômanos, um desinteresse notório pelos valores usuais. Todos aqueles, digamos, que fazem o sucesso dos horóscopos. (Isso se manifestava de uma maneira um tanto especial, um tanto paradoxal, já que ele manifestava um consentimento aparente às preocupações comuns com o trabalho, a casa, o êxito conjugal, o

¹² Sobre essa questão da contagem, da contabilidade do gozo proporcionada pela degustação dos processos psíquicos, C. Melman em seu artigo (publicado em *Le Discours psychanalytique*, nº 6), *La toxicomanie*, e em uma comunicação intitulada *La jouissance autre*, que trazem elementos preciosos: "Auto-erotismo bem-sucedido portanto, se é verdade que estes 'pensamentos' dão corpo ao Outro proibido, revelando ao mesmo tempo sua verdadeira natureza: maternal".

"Não parece excessivo situar o objeto do toxicômano em seus próprios pensamentos tomados por um curso aleatório, ou seja, livre da repetição; o tóxico é o meio disso."

"Ali está, na infinitude deste Outro, o enigma do objeto que o direciona, mas, por outro lado, a abordagem desse objeto não é absolutamente a mesma que na ordem fálica porque essa abordagem não é mais marcada porque há um interdito de um impossível. É algo que se organiza como que ao contrário, sendo um objeto cada vez mais distante, e só pela melhora dos golpes, pela repetição dos golpes que poderíamos talvez alcançá-lo e reconhecê-lo, esse objeto.". *Le triomphe de la jouissance féminine*.

dinheiro, o sucesso, o poder, etc. Entretanto, em suas palavras, isso dava a impressão de bobagens sem grande interesse)¹³.

CRISTALIZAÇÃO

A determinação dos caracteres do objeto de sua paixão e a estratégia que aplicara para remediar o surgimento de uma falta ameaçadora se tinham cristalizado em momentos bem distintos.

Trauma, recalçamento, retorno do recalçado se distinguiam com uma perfeita legibilidade, nisso seguindo bem de perto a doutrina freudiana. Ainda mais fácil em sua determinação porque o “soro da verdade”, como já assinalamos, facilitava uma exposição condensada e sem nenhum floreio.

Na infância, em férias com o irmão e a mãe, ocorreu um grave acidente durante um passeio na montanha. As duas crianças ficam diante do corpo inanimado da mãe que se oferece à sua impotência durante longas horas de vigília antes que o socorro chegue.

T. De Quincey, em *Suspiria de profundis* (coletânea de prosa lírica publicada em 1845 no *Blackwood's Magazine*)¹⁴, evoca uma cena dramática de sua infância, a descoberta de sua irmã morta. Eis algumas linhas desse testemunho:

¹³ (C. Melman [seminário de 12/12/91]): “Por falta, há efetivamente uma categoria de pacientes para quem a dimensão do valor não existe, que ignoram o que é o valor, e isso nos orienta imediatamente para o tipo de carência presente, em andamento; isto é, a carência do Outro, do grande Outro. Exatamente por não terem ou não terem mais relação com o grande Outro que, ao mesmo tempo, a dimensão do valor encontra-se colapsada para eles. Por exemplo, os toxicômanos. É muito evidente que o que caracteriza um toxicômano é o que ele perdeu, se é que um dia o teve, mas em todo caso o tóxico fez com que perdesse o sentido do valor.

Enquanto se inscrevem na pulsação das injeções ou ainda naquela das abstinências e das recaídas, a questão da cronologia, da anamnese, da causalidade psicológica não tem nenhum atrativo para os toxicômanos. A rigor, condescenderão em aderir a esse tipo de preocupação para justificar sua presença e manter o laço que estabeleceram com a instituição ou com o profissional que os atende. Fingem interessar-se pela causa comum, mas, quando se consegue avançar o trabalho com um pouco de constância, eles não deixam de confiar que irritação ou, pelo menos, que indiferença lhes suscitam as questões que puderam lhe ser feitas por um clínico sobre sua primeira infância, sua mãe, seu pai, etc.

Ao contrário, podemos nos surpreender ao ver a que ponto seu interesse desperta quando se trata desse assunto que eles conhecem, no entanto, até a náusea.

¹⁴ “Les confessions d’un mangeur d’opium”, in coleção Imaginaire-Gallimard, *Suspiria de profundis* : “Chagrins d’enfance”.

“Dos fastos do verão, eu me distanciei para deitar meu olhar sobre o corpo. (Aqui, bem empregado como equivalente de cadáver. Cf. Propos de C. Melman de 18/11/93).

Ali jazia a cara forma infantil; ali, o rosto angélico; e tinha-se dito na casa, como as pessoas gostam de acreditar, que os traços não tinham sofrido nenhuma alteração. Seria verdade?

A fronte, é verdade, a nobre fronte serena talvez fosse a mesma; mas as pálpebras geladas, a sombra que parecia delas escorrer, os lábios de mármore, as mãos rígidas, juntas palmo com palmo como que para repetir as súplicas da angústia derradeira – podia-se considerar tudo isso como vida?

Se assim fosse, por que então eu não pulava em direção a esses lábios celestes com lágrimas e beijos sem fim? Mas não era assim.

Fiquei um momento desconcertado; tocado por um respeito sagrado, não por temor; e, entretanto, um vento secreto começou a soprar – o mais triste que jamais se fizera ouvir. Era um vento que teria podido varrer os campos da mortalidade durante mil séculos.”

Para as duas crianças, o tempo suspenso de sua sideração imobilizava nesses momentos de angústia os primeiros termos de um desejo devastador.

O corpo rígido e desejável da mãe, apagado e vivo, palpável e proibido, desvelado e aflorado manifestava a presença do objeto erigido e do objeto caído simultaneamente.

Não era ele o Outro inatingível preenchido apenas com o desejo delas, mas também o estojo precioso ou desprezível que encerrava o objeto?

Diante desse corpo parindo seus próprios tormentos, elas eram tão cativas quanto ladras.

Sobre a função do tempo e no que ela difere na perversão, Lacan expressa-se assim:

“...o que distingue mais profundamente a fantasia da neurose da fantasia da perversão, já lhes disse... (‘apelável’?, ‘determinável’?), está no espaço, suspende não sei que relação essencial. Ele não é, propriamente falando, atemporal, está fora do tempo”¹⁵.

¹⁵ O tempo na obsessão e na histeria. “Se a histeria se caracteriza pela fundação de um desejo enquanto insatisfeito, a obsessão se caracteriza pela função de um desejo impossível. Mas o que há além desses termos é algo que tem uma relação dupla e invertida, que aparece, que se manifesta de um modo permanente nesta procrastinação, do obsessivo por exemplo, fundada, aliás, sobre o fato de que ele antecipa sempre tarde demais. Do mesmo modo que o histérico não faz senão repetir sempre o que há de inicial em seu trauma, ou seja, um certo cedo demais, uma imaturidade fundamental”.

Ora, nas toxicomanias, e isso era muito sensível nesse caso, lidamos exatamente com isto: o problema das adições não seria, portanto, tanto um problema de temperança (mais da histeria) quanto um problema de temporização.

A desmedida não seria tanto o efeito de uma superestimação quanto a consequência de um hiato cujo preenchimento é vivenciado como urgente e impossível. Impossível porque tornado inoperante pela falta de adequação entre o objeto e o que ele supostamente preenche, que não são reconhecidos como registros distintos (um objeto real para preencher a falha simbólica de um corpo imaginário).

Sem uma ordem, relembremos a esse respeito o desinteresse pela anamnese, a precipitação, o sentimento patético da urgência, o apreço pelo *flash*, a existência “um dia depois do outro”, a dificuldade para respeitar os encontros, a dificuldade para suportar qualquer prazo.

A hora da verdade, na medida em que, como para Hamlet, ela é a hora do Outro-engodo, embuste cometido pelo Outro ou contra o Outro –, a hora da verdade fica parada no quadrante de sua vida.

E agora, ao contrário de Hamlet que tinha uma linha direta com o Além – o *ghost* (e isto me parece em grande parte a razão pela qual esta peça fascina tanto: a ligação direta com o saber do Outro) –, o Outro para os toxicômanos tirou o telefone do gancho (e serão objetos reais que vão substituir os significantes numa dança macabra com figuras geralmente muito limitadas).

Poderíamos nos perguntar se uma cena traumática é o próprio cadinho indispensável onde vão se ordenar, se comprimir os determinantes da estrutura ou, digamos de modo mais prudente, da organização subjetiva.

E, enquanto tal, o trauma não pode ser tido por uma comoção inicial antes almejável, na falta da qual o sujeito seria remetido a uma indeterminação eventualmente perturbadora?

Será que o traumatismo não constitui uma fratura inicial que decide a divisão subjetiva necessária em que vai se enrolar o significante?

É evidente que, no caso em questão, a escolha estrutural vai exigir outros elementos para se consolidar.

A dimensão escópica do arranjo fantasmático que se instala aparece primeiramente em um sonho que ele evocará três vezes sem ter consciência dessa repetição. Esse pesadelo o perseguia quando tinha oito ou dez anos: “Alguém me olhava pela janela de meu quarto. Uma janela no alto. Uma sombra, uma silhueta, algo indefinível. Era um pesadelo. Eu me acordava.” (Aliás, ele começara a última sessão, quando contou esse sonho, observando: “É uma posição estranha, esta de estar assim sob o olhar do outro.”).

Alguns anos mais tarde, um eco erótico da atordoante contemplação vai repetir a cena infantil. Uma primeira cristalização perversa vai-se realizar

na adolescência. Tratar-se-á de manobras de esfregamento, de bolinação. São circunstâncias fortuitas, quando está viajando de trem, que vão iniciar a montagem. Apertado num corredor, um choque o coloca em contato violento com uma mulher. Ele fica surpreso com a ereção e o prazer que esse contato involuntário lhe provocam.

A lembrança da vívida excitação sexual sentida lhe é penosa, até mesmo o repugna a ponto de afirmar que foi o primeiro a quem ousou confidenciar isso. Como que para se desculpar, ele observa várias vezes que isso não se dera sem a aprovação da mulher que despertara seu desejo. A partir de então, vai buscar deliberadamente reproduzir as circunstâncias propícias a essa exacerbação sensual. Tais circunstâncias são executadas num estado de obnubilação, e um sentimento de impotência para dominar o curso dos acontecimentos toma conta dele.

Ele insiste sobre o fato de que suas “vítimas” eram, na maioria das vezes, cúmplices de sua artimanha, a tal ponto que algumas vezes a aventura continuava, mas ele renunciava quase sempre a seguir adiante. A situação perdia toda atração assim que as circunstâncias precisas de sua excitação desapareciam.

O que era singular, pelo contraste que oferecia, era o sentimento muito vivo de culpa experimentado durante essa lembrança, já que, por outro lado, essa culpa era de uma discricção notável, enquanto suas exigências o levavam a cometer muitos atos reprováveis tanto pela lei quanto pela moral comum.

Esses jogos eróticos, esses “transportes em comum” vão cessar quando começar a intoxicação em heroína. Ela sucede à do irmão, que sucumbirá a uma *overdose*. Um vínculo muito forte, ainda que o incesto não se tenha concretizado, unia-o ao irmão.

O objeto do desejo em sua concretude obscena vai dar lugar anos mais tarde à encenação de uma fantasia, ou melhor, conforme as próprias precisões fornecidas no decorrer de uma sessão: uma atuação. O auge disso se deu no momento em que o sujeito se contemplava num espelho reverberando à noite sua imagem enquanto ele se injetava cocaína intermitentemente.

A cena era lembrada num tom alucinado, febril, místico:

“Quando eu me injetava cocaína, havia um efeito auto-erótico muito forte. Eu me via numa vidraça, uma vidraça dupla, à noite, eu me acariciava. Fazia turrets¹⁶. (Isso consiste em injetar, de-

¹⁶ Vocábulo do jargão dos toxicômanos, oriundo do verbo *tirer*, que significa *puxar, aspirar*. (N. de trad.).

pois bombear o tóxico misturado com sangue a fim de obter flashes sucessivos). Era uma fantasia de homossexualidade... não uma fantasia... como dizer?... Era muito forte como impressão... Eu fazia uma atuação, uma atuação homossexual. Uma auto-penetração... Não sei como expressar isso: uma auto-sodomização?”.

Realizava-se o *fading* do sujeito e, ao mesmo tempo, sua extinção reidentora e identificadora e o aparecimento fugaz, esclarecedor ou aviltante do objeto¹⁷.

SER OU TER... EIS A QUESTÃO

“Para o perverso, a conjunção, este fato que une em um único termo, introduzindo essa leve abertura que permite uma identificação muito especial com o outro, que une em um único termo o “ele o é” e “ele o tem”. Para isso, basta que este “ele o tem seja, neste caso, “ela o tem”. (J. Lacan, *Le Désir et ses interprétations*, 24 junho 1959).

Esse relato poderia confirmar a prevalência, nesse indivíduo, de uma problemática da vacilação, ou seja, de uma insistência muito crua, real não simbolizada ou simbolizada imperfeitamente da questão de seu dever de ser¹⁸.

Poderíamos ver nisso uma falha que faz o sujeito entrar em uma oscilação infernal, uma alternância mais ou menos contável¹⁹ em que o sujeito mais desaparece em um ato que o coloca em cena do que é seu autor.

¹⁷ “O que é importante neste elemento propriamente falando estrutural da fantasia imaginária na medida em que se situa no nível de a é, de um lado, este caráter opaco, aquele que o especifica sob suas formas mais acentuadas como o pólo do desejo perverso, em outras palavras, que faz dele o elemento estrutural das perversões e nos mostra portanto que a perversão se caracteriza pelo fato de que toda a ênfase da fantasia é colocada do lado correlato propriamente imaginário do outro a...”.

¹⁸ Primo Levi cria, em um de seus curtos e poderosos relatos, cujo segredo guardava, Rumkowski, um rei fantoche. Rumkowski governava sob o domínio nazista do gueto de Lodz, na Polônia. “Como Rumkowski, nós também nos fascinamos com o poder e com o dinheiro, esquecendo nossa fragilidade essencial: que estamos todos no gueto, que o gueto é cercado, que, além da cerca, ficam os senhores da morte, e não longe dali o trem nos espera.”. Essa lembrança glacial do autor, que sobrevivera a Auschwitz, não nos leva a uma conclusão prematura, mas nos convida talvez a pensar de outro modo a resolução de nossos problemas, de nossa dor de viver, e a avaliar diferentemente o que está em jogo nas adições.

¹⁹ Aqui, o autor joga com a homofonia de *petits a* [pequenos a] e *petits tas* [pequenos montes]. (N. de trad.).

Há na cena toxicomaniaca uma pobreza e uma rigidez absolutamente semelhantes às cenas descritas pelo Marquês de Sade.

Parece efetivamente que o procedimento da intoxicação, independentemente e além dos efeitos proporcionados pelos produtos consumidos, realiza aqui (em muitos casos) uma conjunção momentânea, instantânea do ser e do ter, da existência e da atribuição.

Ele suspende a dor de existir para melhor senti-la.

Os termos dessa condensação eram muito legíveis nesse indivíduo. Porém, desdobrando, expondo mais adiante esse caso, percebe-se que ele é totalmente exemplar desta hesitação fundamental: ele devia ser a instância *princeps* ou devia mostrar-se seu possuidor?²⁰

Parece, nesse tipo de complexo, que a escolha operada na adolescência não se mantém e o leva a buscar o outro termo em uma oscilação muito dolorosa, até mesmo destrutiva.

Para ele, era inadmissível que todo sujeito tenha de reconhecer (cito Lacan): “que o tenha e que não o é e que, se a lei o priva dele, é precisamente para arranjar as coisas. É que uma certa escolha é feita nesse momento.”

O uso de drogas ou então as atividades febris do jogo suspendiam uma incapacidade para decidir e a oscilação dolorosa disso resultante.

Entretanto, seria imprudente concluir depressa demais.

Lacan teve o cuidado de nos alertar, nestes termos, contra uma assimilação rápida demais:

“A fantasia perversa não é a perversão. O maior erro é imaginarmos que compreendemos a perversão, todos nós enquanto somos, isto é, enquanto somos mais ou menos meio neuróticos, na medida em que temos acesso a essas fantasias perversas. Mas nem por isso o acesso compreensivo que temos à fantasia perversa dá a estrutura da perversão, ainda que, de certo modo, ela apele sua reconstrução”.

No seminário consagrado ao *Désir et ses interprétations*, Lacan desfaz os mecanismos dessa hesitação, dessa oscilação, e mostra como ela envolve, em certa medida, todo falasser.

²⁰ “O que quer dizer que se o sujeito o é, o falo – e isso se ilustra imediatamente sob esta forma: como objeto do desejo de sua mãe – pois bem, ele não o tem, quer dizer que não tem o direito de se servir dela, e este é o valor fundamental da lei chamada de ‘proibição do incesto’, e que, por outro lado, se ele o tem – quer dizer que realizou a identificação paterna – bem, uma coisa é certa, é que esse falo, ele não o é: “O que o sujeito não tem, ele tem no objeto. O que o sujeito não é, seu objeto ideal é”. (17 de junho de 1959, *Le Désir et ses interprétations*).

“A lei, afinal de contas, traz para a situação uma definição, uma repartição, uma mudança de plano. A lei lhe lembra que ele o tem ou que não o tem. Mas, na verdade, o que se passa é algo que se dá inteiramente no intervalo entre esta identificação significativa e esta divisão dos papéis. O sujeito é (ou tem) o falo, mas o sujeito, bem entendido, não é o falo” (11 de fevereiro de 1959, *Le Désir et ses interprétations*).²¹

Entretanto, ele observava também a singularidade da posição perversa: “*Há na perversão algo que poderíamos chamar de inversão do processo da prova. O que deve ser provado pelo neurótico, isto é, a subsistência de seu desejo, torna-se aqui, na perversão, a base da prova.*” (17 de junho de 1959, *Le Désir et ses interprétations*).

Não se poderia sustentar que uma das particularidades das toxicomanias está ligada ao ritmo dessa oscilação entre a existência e a atribuição, visto que o outro é a escolha de um objeto a artificial, sintético?

Em larga medida, esse homem demonstrava que tinha optado pela identificação ao objeto do desejo. Mas era também isso que colocava em causa ao vir consultar. Saber se ele próprio, enquanto sujeito, encarnava a instância fálica, ou se era seu detentor era a questão espinhosa mais mostrada e montada até então do que formulada.

Quanto ao objeto causa do desejo, ele era seu criado, visto que, para um toxicômano, essa servidão é a própria condição da manutenção de sua subjetividade.

Em seu *Commentaire sur la jouissance Autre*, C. Melman exprime-se acerca disso com uma precisão e uma concisão tais que o melhor que posso fazer é citá-lo:

“É portanto, por assim dizer, a carência material do objeto que faz com que haja um sujeito, mas um sujeito que está exposto a esta espécie de alternativa: ou ele existe como sujeito porque o objeto é faltante, mas então se trata da dor de existir no que ela tem de mais atroz, ele existe, mas é realmente a dor e a angústia de viver, isto é, “O que se quer?”, ou então ele tem esse objeto, mas então ele se abole diante dele; enquanto sujeito, ele não é mais nada”.

²¹ Ele acrescenta ainda: “E aqui o falo é o elemento significativo essencial, na medida em que é o que surge da mãe como símbolo de seu desejo, esse desejo do Outro que apavora o neurótico, esse desejo no qual ele sente correr todos os riscos. É isso que faz o centro em torno do qual se vai organizar toda a construção do perverso.”

Na antepenúltima lição de *Désir et ses interprétations*, Lacan evoca Gide para ilustrar certos traços da homossexualidade masculina. Nessa lição, ele observa, em particular, “a dupla relação” do sujeito “com um objeto desejado”: “*Ele terá o falo, o objeto da identificação primitiva, quer ‘ele’ seja esse objeto transformado em fetiche em um caso ou em ídolo no outro*”. (No caso de Gide, a hiperidealização de que era objeto sua esposa). “*O que o sujeito não tem, ele tem no objeto. O que o sujeito não é, seu objeto ideal o é (...) Ele é o falo enquanto objeto interno da mãe e ele o tem em seu objeto de desejo.*”

Também a peça de Jean Genet, *O Balcão*, ilustra a reversibilidade dos lugares, o jogo que ela pode originar. De que maneira carrasco e vítimas são permutáveis desde que permaneça o suplício e seus instrumentos, cetro ou chicote, bugiganga, renda preciosa, panacéia, enfim...

Poderíamos avançar que o uso regular de tóxicos realiza uma reversibilidade semelhante com a vantagem suplementar de dispensar qualquer parceiro. Mas tal uso atenua sobretudo uma falha de interpretação. Um toxicômano quase não recorre à interpretação comum. No mínimo, não pode se satisfazer com ela. Em particular, não lhe convém a interpretação sexual como sistema explicativo de seus comportamentos.

Nesse caso, a interpretação, até mesmo a função interpretativa tinha justamente esse caráter inoperante de pura hipótese lúdica. (Entendo assim essas interpretações constitutivas de nossa relação com o mundo tais como aquelas inventariadas por C. Melman em suas declarações de 16 de janeiro de 1992)²².

Apesar da abundância inabitual, e logo expressa, de um material orientado por experiências sexuais variadas e narradas sem reticências – salvo sobre a questão do “esfregamento” –, nenhum comentário se seguia ou, a rigor, reduzia-se a uma fórmula vazia (“Isso é Edipiano”).

Talvez a razão disso fosse o fato de que ele não podia assumir o risco de ser confrontado à insuficiência dessa interpretação. Conseqüentemente, renunciava a qualquer interpretação.

De fato, implicar-se em uma “visão do mundo”, privilegiar um modo de leitura, não significa também correr o risco de constatar sua invalidade e,

²² (CM, 16/01/92): “Quanto mais um sujeito, por razões particulares de certo modo, sacrifica esta interpretação sexual, e bem mais de certo modo... o caráter delirante de sua concepção do mundo corre o risco de se acentuar.” “A interpretação privada do campo perceptivo só se torna de certa maneira ‘razoável’ porque, devido à comunidade da interpretação sexual, ela é minha interpretação, a interpretação que dou de meu campo perceptivo, compartilhada e verificada por um outro, por um semelhante, por um pequeno outro.”

sobretudo, sofrer por observar que ela não garante nenhum reconhecimento no Outro?

Parece portanto que, para não se chocar com a inaniidade radical de toda interpretação, para não enfrentar esta absoluta indiferença no Outro, a estratégia do toxicômano consistirá em usar de um subterfúgio.

Não é ele próprio forçado a determinar esta falha, esta hiância para se assegurar da ilusão de um controle? Ele dependeria, então, de uma montagem mais ou menos ritualizada, de mascarar ou desvelar esta insuportável vacuidade no Outro e do Outro. Parece-lhe que assim pode preenchê-la, obturá-la à vontade não por meio de uma interpretação, mas por um objeto real.

Afinal, trata-se de resistir ao desejo do Outro pelo viés desse controle artificial. O aniquilamento da subjetividade assim requerido não deixa mais então nenhuma possibilidade a esta vontade caprichosa que lhe é atribuída.

Essa disposição é de uma economia interessante (por assim dizer), já que também evita ao sujeito cair em uma interpretação atípica que poderia passar por delirante.

O ÓDIO AO CORPO

Trata-se, como eu havia sugerido em uma fórmula duplamente invertida, de se reduzir a um cadinho de matéria inerte, de alcançar a frieza do bronze, e se poderia fazer um toxicômano dizer “O que importa a embriaguez se sou o frasco”.

De Quincey, no apêndice às *Confissões Suspiria Profundis*, confessa – não sem reticências – o seguinte:

“Ninguém, suponho, dedica seu tempo a observar os fenômenos de seu corpo sem ter por ele alguma solicitude ou complacência, eu o odeio e faço dele o objeto de meu amargo desdém e de meu desprezo. Não teria nenhum desprazer ao saber que as supremas indignidades que a lei inflige aos cadáveres dos piores malfeitores poderiam ser, um dia, minha sina”.

Aqui ele confirma, com clareza, a proposição segundo a qual os toxicômanos têm por “ideal de gozo um objeto inanimado”²³. A cena em que descre-

²³ C. Melman nos indicava: “Há um consumo feito na tentativa de incorporar este objeto de tal forma que ele permaneceria, que ele ficaria finalmente preso de verdade, que ele o teria na pele, no corpo... Por que o corpo? A não ser justamente porque ele precisa que essa cadeia de significantes se fixe ao corpo: operação impossível, seja qual for a dose que ele se injete; ele não consegue que fique fixada ao corpo senão de uma única maneira, aquela de resolver o assunto de uma vez por todas, ou seja, a overdose.”

ve seu fascínio pelo cadáver de sua jovem irmã morta é mais uma confirmação disso. Devemos, com ele e em conformidade com a ciência, com o que ela nos prescreve, reduzir o encontro tranqüilizante ou incômodo, alegre ou doloroso entre uma substância e um organismo a uma estrita operação química?

É preciso saber que muitos são os toxicômanos cujo substrato mais essencial da dependência é a injeção enquanto tal. Era o caso desse paciente. Ele não hesitava em injetar-se água para conhecer este êxtase provocado pela picada. (Isso não deixa de tornar muito relativa a questão da farmacodependência, embora seja imprudente negligenciá-la.)

A efração do corpo, sua penetração pela via artificial das injeções, é o manifesto, a inscrição de um ideal estranho e, no entanto, cada vez mais difundido.

Essa operação parece permitir esta conjunção: reduzir o sujeito ao estado de puro continente e sublimá-lo em um ato ritual de consagração.

Poderíamos, é claro, sustentar que “o ideal de gozo de um objeto inanimado” realiza-se da melhor maneira no silêncio do coma²⁴.

Aliás, há casos em que a multiplicação das *overdoses* sugere um controle desse atalho letal. Isso é bem ilustrado em um filme-documentário de Jean Schmidt, *Les anges déchus de la planète Saint-Michel* [Os anjos caídos do planeta Saint-Michel], onde se vêem gêmeos diabéticos e toxicômanos utilizar alternadamente a insulina e a heroína para decidir sua ausência do mundo. A marca, a ferida infligida pela injeção várias vezes por dia realiza, parece-me, um choque entre o objeto do desejo e o objeto causa do desejo.

Para designar a injeção intravenosa, os toxicômanos franceses dizem que “se fixam”²⁵. A língua sempre dá pistas. Como devemos apreender essa estranha forma pronominal: “fixar-se”?

Fixar-se, deitar raízes não é, entretanto, realmente o negócio dos toxicômanos. Bem ao contrário, eles demonstram pelo *sweet home* uma indife-

²⁴ “Por não ter o apoio de um limite, privado da resistência estável do objeto, ela entrega aquele ou aquela que a isso de aplica à repetição de golpes que agora devem crescer em intensidade e se acelerar para tentar ganhar o céu de um Outro: instante brevemente bem-sucedido com o sono ou com o coma, que não se realiza em ato exitoso, isto é, fundado para a eternidade, senão com a morte.”. (C. Melman, *La Jouissance Autre* in “Articles et Communications”, Bibliothèque du Timestre Psychanalytique.

²⁵ Aqui, o autor joga com a homofonia de *petits a* [pequenos a] e *petits tas* [pequenos montes]. (N. de trad.)

rença, até mesmo um desprezo que os inconvenientes de uma vida conturbada não bastam para apagar.

Fixar-se? Seria ao rebaixamento ao estado de corpo embalsamado, petrificado? Fixa-se um perfume, uma borboleta, uma flor, um cogumelo; pensemos naquelas carnes esbranquiçadas, naqueles animais mal identificados ou naqueles répteis suspensos em bocais cheios de formol no farmacêutico do interior, no boticário de nossa infância...

Seria, portanto, ao gozo de um objeto semelhante, ou pior, de uma identificação a esse objeto que o uso de tal termo convidaria?

A apreciação que podemos fazer sobre o que nos mostra um toxicômano é, na maioria das vezes, exatamente o oposto da sua. Assim que volta para seu invólucro e que ao mesmo tempo seu olhar se anima, que escapa à coisificação, ele se sente mal, constrangido, embaraçado, doente.

Ainda sujeitos, ainda cruzamentos atravessados pelas palavras, eles são cruzamentos sem sinalização, sem nenhuma indicação.

Deposto de sua função imaginária, somente seu corpo debilitado, estigmatizado, permitirá, não na conversão histérica, charada orgânica eloqüente demais, mas em seu definhamento efetivo, real (ou em outros períodos, ao contrário, através da saúde recobrada) uma leitura direta das flutuações da vontade atribuída ao Outro, de seus caprichos. Uma vontade tão total quanto fictícia, tão devastadora quanto inflexível. (Lembremos também a semelhança com inúmeras anorexias e bulimias).

Se ficamos desconcertados com a demanda dos toxicômanos, com sua labilidade, com a fugacidade de seu procedimento, talvez seja porque o objeto de seu desejo é tão indiscernível quanto inconfessável.

Talvez haja uma indicação, uma pista na maneira como essas pessoas tratam seu corpo.

Com freqüência, fiquei surpreso (e ainda fico) com a indiferença manifesta por indivíduos muito jovens pela degradação de seu corpo, em particular de sua dentição. (Nisso uma toxicomania não se distingue do alcoolismo. "Esta espécie de indiferença radical do alcoólico quanto à sua imagem, o que ela quer dizer? Apenas que, para ele, não há olhar no Outro. Para se ver, é preciso sempre supor um olhar no Outro e, para ele, esse olhar no Outro não existe; o que leva, pois, a uma espécie de paradoxo." (*Commentaire sur la jouissance Autre*, p. 51).

Há como que uma recusa do corpo, ele está tão ausente quanto as palavras vazias inconsistentes que são desafiadas sem conseqüência nos primeiros tempos de uma consulta.

Corpo ausente para ele, sobrecarregado com seu real quando a falta vem a surgir.



Devemos aceitar a nos submeter aos imperativos desse ideal: o rebaixamento do corpo subjetivo, animado, a uma pura consistência de saco, de receptáculo incólume do significante, uma proveta surda e muda, asseptizada para experimentar a pura magia do objeto finalmente ao abrigo do verbo?²⁶

²⁶ É fácil perceber nos outros e em si mesmo o efeito do significante. Se a toxicomania não priva o sujeito da capacidade de observar esses efeitos em outrem – ainda que, em geral, ela deixe o toxicômano indiferente a eles –, ela parece, em compensação, eliminar a endopercepção desses fenômenos. Efeitos espetaculares, no entanto, que não ficam nem um pouco atrás dos distúrbios psicossomáticos, das mais belas conversões, nem dos sinais de intoxicação. Para isso, basta sofrer uma ofensa, uma injúria, ou, de modo mais agradável, ser alvo de uma homenagem inesperada. Rubores, taquicardia, tremores em alguns, palidez em outros, vão subverter a ordem do rosto e do corpo. Todas essas manifestações acompanhadas por rumores mais secretos, descargas de adrenalina ou de substâncias diversas demonstram o poder... significante... É exatamente o tipo de coisa que, quando a ocasião se presta, conto a um toxicômano. O que não deixa, quando o momento é bem escolhido para revelá-lo, de atingir a crença só nas virtudes da substância exógena. Descobrir que neles mesmos e sob o impulso de uma fórmula verbal e não química se produzem efeitos tão palpáveis, mudanças tão poderosas, não deixa de levá-los a meditar.